

Viver no lixo e trabalhar no luxo: Grandes Projetos turísticos e os seus impactos na Ilha da Boavista, Cabo Verde

Vladmir Antero Delgado Silves Ferreira¹
Nélida do Rosário da Luz²
Ivete Helena Delgado Silves Ferreira³

Recibido: 27/03/2019

Aceptado: 31/03/2020

RESUMEN

El Estado de Cabo Verde ha puesto en práctica un conjunto de condiciones para promover las inversiones del sector privado nacional y extranjero, en particular en el sector del turismo. Así pues, en este artículo se propone analizar el posicionamiento público de los diversos actores que intervienen en el turismo en relación con los impactos del proceso de ejecución de grandes proyectos turísticos en la isla de Boavista, Cabo Verde, tomando como referencia las principales noticias y reportajes sobre el fenómeno publicados en la prensa escrita y en línea desde 2007 hasta mediados de 2018. Desde la euforia inicial ante el anuncio de las primeras grandes inversiones turísticas hasta la constatación de que la apuesta por el modelo «todo incluido» favorece un desarrollo desigual, excluyente y discriminatorio. La Isla de Boavista se enfrenta hoy en día al dilema de tener que decidir entre seguir siendo la receptora de más proyectos de expansión de capital extranjero o si provoca una reorientación reequilibrando sus fuentes de generación de ingresos con base en un turismo menos impactante y más inclusivo.

Palabras clave: Turismo, Estado, Boavista, Cabo Verde, Grandes proyectos.

¹ Docente da Universidade de Cabo Verde, email: Vladmir.ferreira@adm.unicv.edu.cv.

² Doutoranda em Gestão e Políticas Ambientais, Universidade de Cabo Verde/Servidora da Direção Geral do Turismo e Transportes, Cabo Verde, email: nelidar.luz@student.unicv.edu.cv.

³ Servidora da Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Cabo Verde, email: ivete.ferreira@ingt.gov.cv.

Living in garbage and working in luxury: larges projects tourism and their impacts on Ilha da Boavista, Cape Verde

ABSTRACT

The State of Cape Verde has implemented a set of conditions to promote investments from the domestic and foreign private sector, particularly in the tourism sector. Thus this article proposes to analyse the public positioning of the various actors involved in tourism in relation to the impacts of the process of implementing major tourism projects on Boavista Island, taking as a reference the main news and reports on the phenomenon published in the written and online press from 2007 to mid 2018. From the initial euphoria at the announcement of the first major tourist investments to the realization that the bet on the all inclusive model is conducive to unequal, excluding and discriminatory development. Boavista Island is today faced with the dilemma of having to decide between continuing to be the recipient of more projects for the expansion of foreign capital or if it provokes a redirection rebalancing its sources of income generation based on a less impactful and more inclusive tourism.

Keywords: Tourism, Development, Boavista, Largest projects, Cabo Verde.

Introdução

Com a abertura democrática e a realização das primeiras eleições multipartidárias a 13 de janeiro de 1991, Cabo Verde⁴ entrou numa nova era, ganha protagonismo um novo conceito de Estado, muito associado ao mercado e às políticas neoliberais. É abandonado o modelo centralista, as principais empresas públicas foram privatizadas, o Estado paulatinamente abandona o papel interventor na

⁴ Cabo Verde é um arquipélago, localizado na costa ocidental africana, aproximadamente a 500 km do Senegal, composto por dez ilhas, 6 no Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista) e 4 no Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava), das quais 9 habitadas, com aproximadamente meio milhão de habitantes, embora com uma expressiva comunidade na diáspora, que segundo dados informais, se calcula ser superior à população residente nas ilhas.

economia dando assim mais espaço á iniciativa privada. O modelo de organização e acumulação capitalista foi se consolidando ao longo dos anos e culminou nos últimos tempos com a adesão do país a um conjunto de acordos e convenções internacionais (entrada como membro da Organização Mundial do Comercio, parceria especial com a União Europeia, etc.).

Depois de duas décadas e meia como país democrático, frequentemente caracterizado como uma democracia estável, o país tem-se destacado no contexto regional e internacional pela sua estabilidade social e política e sobretudo pela sua «boa governação», com reflexos positivos nos indicadores socioeconómicos, apesar de desprovido de recursos minerais.

Na sequência da abertura do país à globalização, aproveitando-se de um ambiente pós crise, dos anos 1970 que estimula a «competitividade» para alocação de investimentos estrangeiros e execução de Grandes Projetos, o Estado de Cabo Verde tem implementado um conjunto de condições para promover investimentos do setor privado nacional e estrangeiro, particularmente no setor do turismo.

Segundo Ferreira⁵, a avaliação histórica do papel atribuído ao turismo mostra que entre 1982-1985, etapa em que vigorou o I Plano Nacional de Desenvolvimento de Cabo Verde (PND), o setor tinha pouco peso na economia do país, contribuindo com apenas 2% para o PIB nacional. Nesta altura, não se apresentava como prioridade, alegadamente pelas «fragilidades ambientais e económicas do país». Contudo, o segundo PND (1986-1990) mostra uma perspectiva diferente, inclui no documento os fatores que estavam impedindo o seu avanço e propõe medidas para os ultrapassar. A tabela 1 indica um aumento gradual do peso do turismo na economia nacional entre 1995 a 2005.

Tabela 1
Turismo no PIB (%), Cabo Verde, entre 1995 – 2005

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Peso no PIB	2.0	2.2	3.3	3.4	3.6	7.3	9.5	10.2	10.4	10.1	10.4

Fonte: Elaboração própria com base no Barros, 2007⁶.

⁵ Ferreira, Eduardo. *O Turismo no contexto de uma pequena economia insular: o caso de Cabo Verde*, Tese de doutoramento em economia, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 2006.

⁶ Barros, José. *Impacte do turismo no desenvolvimento socioeconómico: o caso da ilha do Sal*, Dissertação de Mestrado, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2007.

É neste quadro que o investimento privado e estrangeiro ganhou um grande destaque, sobretudo para o sector do turismo. Nos primeiros anos os investimentos estavam concentrados, sobretudo na Ilha do Sal, mais recentemente tiveram uma entrada em força também na Ilha da Boavista, sobretudo após a inauguração do Aeroporto Internacional, e em pouco mais do que uma década se transformou num sector hegemónico na economia da ilha. Com cerca de 4 mil habitantes em 2000, a ilha da Boavista atingiu a cifra de 15 mil residentes em 2017⁷. Este rápido e exponencial crescimento populacional encontra-se diretamente ligado ao incremento da atividade turística na ilha, sobretudo nos últimos dez anos.

Os moradores da ilha tradicionalmente viviam em grande medida da agropecuária e da pesca. A economia da ilha assentava-se na atividade pecuária, na indústria de conservas de peixe, nas atividades de coleta (como a apanha e a comercialização do sal, da urzela e da purgueira), na indústria artesanal de transformação da argila, na indústria extrativa de rochas calcárias, atividades artesanais de fabricação de cal e olaria e ainda na atividade agrícola de subsistência. Tais atividades foram sempre desenvolvidas de forma artesanal.

Neste sentido, conforme defende Cammarata:

[...] se requiere una constante observación de los procesos, y de hacer consciente las situaciones problemáticas en el uso del territorio, en las prácticas de deslocalización, del no lugar en el intercambio de bienes y servicios. Cómo captar desde lo local esta enorme dinámica y evaluar las consecuencias más inmediatas y cotidianas de los habitantes? Implica iniciar el conocimiento del lugar en el territorio, preguntarse quiénes somos, qué capacidad tenemos para confrontarnos con los otros y detectar el tipo de relaciones que aparecen en el tejido territorial, si son de apropiación o consolidación dadas las prácticas sociales del turismo⁸.

Assim este artigo propõe analisar o posicionamento público dos vários atores (governantes, setor privado e cidadãos) envolvidos na atividade turística relativamente aos impactos dos processos de implementação dos grandes projetos turísticos na Ilha da Boavista, Cabo Verde, tendo como referencia as principais notícias e reportagens

⁷ Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde, *População e Censo*, disponível em: <http://ine.cv/populacao-e-censo/> (consulta: 20/12/2018).

⁸ Cammarata, Emilce «El turismo como práctica social y su papel en la apropiación y consolidación del territorio», en: Lemos, Amalia; Mónica Arroyo y, María Silveira. *América Latina: cidade, campo e turismo*, San Pablo, CLACSO, 2006, p. 351.

sobre o fenómeno veiculadas na imprensa escrita e *online* de 2007 a meados de 2018.

1. Inauguração do Aeroporto Internacional da Boavista

«Na ilha da Boavista acaba de nascer uma grande obra», foi com estas palavras que o Primeiro Ministro de então, José Maria Neves, iniciou a sua intervenção no ato central da inauguração do Aeroporto Internacional da Boavista, no dia 31 de outubro de 2007. Para o Chefe do Governo, era na altura a realização de mais um sonho com vista à transformação e modernização de Cabo Verde e a concretização de uma aspiração dos Boavistenses e de todos os Cabo-verdianos, tendo em conta que o Aeroporto Internacional da Boavista iria potenciar o crescimento de Cabo Verde, de uma forma geral, e da ilha da Boavista, em particular.

Esta dinâmica observada, nas últimas décadas, na construção de grandes infraestruturas, em países emergentes ou em desenvolvimento, tem sido alimentados por grandes quantidades de capitais, na maioria das vezes, conseguidos sob a forma de empréstimos em longo prazo, traduzindo-se no enorme endividamento destes países, e tornando-se muitas vezes num dos principais fatores desencadeadores das crises.⁹

José Maria Neves lembrou, ainda no seu discurso, que Cabo Verde passaria, a partir da altura, a dispor de três aeroportos internacionais, designadamente nas ilhas do Sal, Boavista e Santiago e anunciou a inauguração, em 2008, de um quarto Aeroporto Internacional na ilha de São Vicente.

O mais importante é que este aeroporto vai ser um motor de crescimento e de competitividade para a ilha da Boavista e temos de desenvolver novas empresas no domínio dos transportes, novos hotéis, atividade de restauração, desenvolver a agricultura e um conjunto de atividades que possam trazer valor acrescentado a este aeroporto.¹⁰

Estas iniciativas do poder público consubstanciadas em projetos considerados de «grande envergadura», sobretudo infraestruturas e

⁹ Harvey, David. «A geografia disso tudo», en: Harvey, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*, São Paulo, Boitempo, 2011, pp. 117-150.

¹⁰ Governo de Cabo Verde. *Aeroporto Internacional da Boavista inaugurado: um sonho há muito acalentado pelos boa-vistenses*, disponível em: <https://www.governo.cv/aeroporto-internacional-da-boavista-inaugurado-um-sonho-ha-muito-acalentado-pelos-boavistenses/> (consulta: 5/8/2018).

equipamentos portuários e aeroportuários, concebidos para viabilizar e servir de suporte aos tais investimentos turísticos estrangeiros: são os casos do aeroporto internacional da Boavista, São Vicente e Praia (este último co-financiado pelo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e pelo Governo cabo-verdiano), a estrada circular da Praia, expansão e requalificação do Porto da Praia (financiado pelo primeiro compacto do MCA (Millennium Challenge Account e governo de Cabo Verde), entre outros.¹¹ Na lógica de que o capital tem de produzir condições para a sua própria expansão e de que o reinvestimento requer meios adicionais de produção disponíveis no mercado, o Estado é levado a assumir estes investimentos em infraestruturas e os riscos inerentes ao processo.¹²

O Chefe do Governo nomeou as grandes realizações que vem tendo lugar em Cabo Verde nos últimos anos, que estão a conduzir o país para novos patamares de desenvolvimento. A construção da primeira barragem do país (a Barragem de Poilão), o estabelecimento da Parceria Especial com a União Europeia, a transformação do arquipélago numa praça financeira internacional e num grande centro de turismo mundial, são alguns dos exemplos apontados por José Maria Neves, no discurso de inauguração do Aeroporto Internacional da Boavista e que, segundo o mesmo, demonstram a transformação em realidade daquilo que «há anos atrás não era mais do que sonhos acalentados por aqueles que acreditavam num futuro risonho para Cabo Verde e todos os seus filhos.»¹³

2. Riu Karamboa, a construção dos primeiros grandes Resorts

A 31 de Outubro de 2008 foi inaugurado o primeiro grande resort construído na Ilha da Boavista, o Riu Karamboa. A cerimónia de abertura aconteceu com muita pompa e circunstância, sem a manifestação, anunciada pelo grupo de proprietários de terrenos expropriados de Rabil e Chaves.

Altas personalidades nacionais, representantes de instituições e empresas ligadas ao turismo e imobiliária estiveram em peso na cerimónia, para testemunhar a entrada em funcionamento do maior

¹¹ Ferreira, Ivete. *Grande projeto urbano num pequeno país insular: projeto chinês «Cape Verde integrated resort and casino»*, Tese de Doutoramento, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

¹² Harvey, D., *op. cit.*, 2011.

¹³ Governo de Cabo Verde, *op. cit.*

resort até então construído em Cabo Verde. Perante as perguntas dos jornalistas presentes no evento o Primeiro Ministro defendeu que o Riu Karamboa iria dar um sinal muito positivo à economia Cabo-verdiana num momento de alguma turbulência na economia mundial.

[...] eremos de continuar a trabalhar para que continue a crescer porque é o motor do processo transformacional do país». Este hotel é importante porque cria uma dinâmica positiva na Boavista não só em termos de turismo, mas também porque vai implicar o crescimento de aviação civil, o surgimento de novas empresas de prestação de serviço na área do turismo.¹⁴

Tal como na vizinha Ilha do Sal, o turismo edificado na modalidade de «resorts» e um planeamento inadequado do processo de desenvolvimento do setor poderá vir a comportar alguns riscos, nomeadamente, a especulação nos preços de terrenos; a qualidade ambiental começa a estar em risco devido à insuficiente recolha e tratamento de resíduos e efluentes; a fragmentação de habitats; a destruição de dunas; o aumento de pressão sobre ecossistemas frágeis e espécies ameaçadas.¹⁵ Instado pelos jornalistas a pronunciar-se também sobre as maleitas que empreendimentos como o inaugurado também carregam com eles, Neves respondeu:

Quando se abre a economia ou se abrem as portas de uma casa, com certeza que entrarão junto com o sol e o ar fresco, moscas e mosquitos. Pelo que somos obrigados a colocar redes para que esses insetos não entrem e prejudiquem a salubridade da casa. É o que temos de fazer. Em Cabo Verde o turismo é importante, mas temos de continuar o trabalho para maximizar os ganhos e minimizar os aspetos negativos.¹⁶

Sobre as ameaças de manifestação por parte dos proprietários de terrenos expropriados de Rabil e Chaves, onde fica o hotel, José Maria Neves garantiu que o seu governo estava a trabalhar para que o «*problema das indemnizações, fosse resolvido da melhor forma possível*». Os proprietários ameaçaram bloquear a entrada do Hotel caso o governo não lhes desse uma resposta concreta e definitiva sobre o processo das indemnizações, mas à última hora cancelaram o protesto contribuindo assim para o «sucesso» do evento.¹⁷

¹⁴ Frederico, Sílvia. «Riu Karamboa abre-se aos turistas», *Cifrao, Jornal de Economia*, 31 de Outubro de 2008, disponível em: <https://asemana.publ.cv/PDF/Cifrao-864.pdf> (consulta: 6/8/2018).

¹⁵ Luz, Nélide y Ferreira, Vladimir. «Turismo e conservação ambiental em cabo verde: números, políticas, programas e ações na ilha da Boavista», *Sensos*, vol. 5, no. 2, 2015, pp. 108-125.

¹⁶ Frederico, Sílvia, *op. cit.*

¹⁷ *Ibidem.*

Com capacidade para albergar mais de dois mil hóspedes em 750 quartos, situado à beira-mar, Riu Karamboa iria trabalhar com o sistema *all inclusive*, incluindo quatro restaurantes, com gastronomia cabo-verdiana, africana, asiática e europeia, bares, discoteca, ginásio, cabeleireiros, espaços de lazer e para práticas de desporto e Spa completam o menu. Esperava-se com a abertura deste empreendimento turístico a criação de mais de mil postos de trabalho. Contudo, a população estava ainda um pouco cética quanto aos benefícios que a unidade hoteleira poderia trazer ao mercado de trabalho da ilha, temendo que o Riu Karamboa também entrasse na onda do «baixo» salário praticado na vizinha Ilha do Sal.

Imagem 1 Hotel Riu Karamboa



Fonte: Hotel Riu Karamboa 5, 2018.¹⁸

¹⁸ Hotel Riu Karamboa, disponible en: <https://www.riu.com/pt/hotel/cabo-verde/boa-vista/clubhotel-riu-karamboa/> (consulta 21/12/2018).

Com a entrada em funcionamento do Riu Karamboa, os voos *charters* para a *ilha das dunas*¹⁹ iriam aumentar de três para nove por semana. A previsão apontava para que em pouco tempo passaria a haver voos internacionais todos os dias. A partir de dezembro de 2010, em certos dias, passaria a haver entre três a quatro voos internacionais. Levingstone, Neos, Thonson, Jetairsul, Sata Internacional e TUI são as companhias que iriam trazer turistas de Cidades Europeias como Estocolmo, Copenhaga, Bruxelas, Hannover, Munique, Dusseldorf e Frankfurt.

Dois anos depois da inauguração de uma das maiores infraestruturas turísticas do país, e face à dinâmica de mobilidade de pessoas e bens, foi anunciado um importante projeto de modernização do Porto de Sal-Rei e ampliação do Aeroporto Internacional da Boavista, que em pouco tempo mostrou-se pequeno para as demandas em termos de estacionamento das aeronaves.

Um consórcio português assinou com o Governo de Cabo Verde o contrato de expansão e modernização do porto de Sal-Rei e de ampliação da placa de estacionamento do Aeroporto Internacional da Boavista. Numa nota de imprensa, o Ministério das Infraestruturas, Transportes e Telecomunicações de Cabo Verde adiantou na altura que, em relação ao porto de Sal-Rei, seriam construídos dois cais, um perpendicular ao terrapleno e outro de cabotagem, permitindo a atracagem de navios de porte internacional até 200 metros, com capacidades para 600 a 800 contentores.

As obras visavam criar um apoio dinâmico maior aos empreendimentos turísticos existentes e previstos na Boavista, através da construção de modernas redes de abastecimento de água e de combate a incêndio, saneamento e drenagem, redes elétricas, energia e iluminação pública.

Em relação à ampliação da plataforma do Aeroporto Internacional da Boavista, financiado pela ASA (Empresa Nacional de Aeroportos e Segurança Aérea) e pelo Governo de Cabo Verde, o projeto viria responder à dinâmica de crescimento da atividade deste Aeroporto. O investimento na extensão da placa criaria as condições para acomodar, ao mesmo tempo, quatro aeronaves, o que significaria a duplicação da área da placa de estacionamento. As obras estavam previstas para arrancar apenas em 2013, mas face às grandes exigências da ilha, que se tinha firmado como o segundo maior desti-

¹⁹ A Ilha da Boavista é também conhecida como sendo a Ilha das Dunas tendo em conta a suas extensas praias de areia branca e que sob efeito dos ventos formam dunas que dão à Ilha uma paisagem muito característica.

no turístico do país, teria de começar já em 2010. Em 2008, o Aeroporto Internacional da Boavista recebeu 56 mil passageiros e, em 2009 cerca de 170 mil.

O objetivo era preparar a Boavista para as novas unidades hoteleiras, uma vez que, em maio de 2012, estaria concluído o segundo Resort da cadeia espanhola Riu, com capacidade para 1.000 quartos na primeira fase e outros tantos na segunda.

Em outubro de 2014 foi inaugurado o empreendimento da Holding inglesa The Resort Group, dona, também, do Meliá Tortuga Beach, já inaugurado e a funcionar na Ilha desde 2011, a Méliá Dunas Beach Resort & Spa, um empreendimento orçado em torno de 120 milhões de euros e com capacidade para receber à volta de 100 mil turistas ao ano, e prometia na altura oferecer os melhores serviços ao nível dos melhores hotéis cinco estrelas do mundo na modalidade *all inclusive*.

O impacto esperado na economia local e nacional seria significativo, perspectivava-se empregar à volta de 900 funcionários, na sua esmagadora maioria Cabo-verdianos. Ainda antes da conclusão do Dunas Beach, os donos do projeto já haviam firmado um acordo com o Governo, através do então Ministério da Juventude, Emprego e Solidariedade Social, o Instituto do Emprego e Formação Profissional e da Escola de Hotelaria e Turismo de Cabo Verde, a formação de 700 jovens que já se encontravam a trabalhar no empreendimento, facto considerado na altura sem dúvidas um valioso contributo para o aumento da oferta de emprego na ilha e no país. Isto sem falar com o aumento do fluxo turístico na ilha, pois o empreendimento atraía à volta de 100 mil turistas ao ano.

O quadro geral em cima apresentado para o setor turístico e seu peso no desenvolvimento económico da ilha, não deixam de ser preocupantes se analisados do ponto de vista social e ambiental, sobretudo quando estejam em causa zonas sensíveis, na medida em que os impactes negativos do turismo terão uma intensidade ainda maior se as atividades turísticas não forem estritamente controladas.²⁰

Durante muitos anos a Ilha do Sal foi a «menina dos olhos» do Turismo de Cabo Verde. O seu aeroporto internacional, as ligações diretas a algumas cidades europeias, as belas praias existentes na zona sul da ilha, foram argumentos fortes para chamar investidores hoteleiros e um fluxo razoável de turistas da Europa.

O negócio era linear. O grupo promovia e vendia os apartamentos a investidores institucionais ou particulares; estes recebiam um

²⁰ Luz, N. y Ferreira, V., *op. cit.*

interessante retorno pelo seu investimento no período de construção e quando os empreendimentos passavam a ser explorados por grandes cadeias hoteleiras; e estas encaravam com agrado a sua opção por aquelas paragens que, pela excelência das suas praias e o seu clima temperado, lhes garantiam taxas de ocupação muito elevadas ao longo de todo o ano.

Tanto os investidores estrangeiros – caso do The Resort Group - como as autoridades governamentais haviam aprendido com a experiência anterior na ilha do Sal. Na Boavista era possível fazer tudo mais bem feito, programado, planeado, respeitando a preservação ambiental e evitando uma densa «betonização» da orla costeira. A administração do grupo inglês resolveu comprar ao Estado Caboverdiano uma extensa faixa de costa na praia de Santa Mónica onde, até finais de 2013, esperava construir 6 resorts de excelência. Ao todo seria um investimento superior a 350 milhões de euros.

Desde o ano 2000 o turismo cresceu 115% e espera-se que duplique novamente. Já nos primeiros nove meses de 2017, Cabo Verde recebeu mais de 500 mil turistas, totalizando 3,3 milhões de dormidas, o que traduz um aumento de 11% no número de hóspedes relativamente ao mesmo período de 2016, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística.²¹

Rob Jarrett, o CEO do The Resor Group, numa entrevista ao «Diário Imobiliário» anunciou com orgulho que:

[...] quando os seis resorts do grupo estiverem prontos, «estaremos a dar emprego a 4.000 pessoas, numa ilha que terá agora uma população de 10.000 habitantes» e onde, até à chegada do turismo, o desemprego e a emigração era o caminho traçado para as novas gerações.²²

Em relação à questão do fomento do emprego por grandes investimentos, Fernandes faz a seguinte análise:

Como não podia ser diferente, o amálgama que vai reunir os segmentos dispersos da sociedade local é o argumento tradicional dos novos empregos que as ações da coalizão vão gerar, argumento compreensivelmente de grande apelo entre os trabalhadores, de grande importância, por conseguinte, para a atração destes para a coalizão.

²¹ Instituto Nacional de Estatístico Cabo Verde. *Movimentação de hóspedes*, disponível em: <http://ine.cv/movimentacao-de-hospedes/> (consulta: 20/12/2018).

²² Diário Imobiliário construímos noticia. «O The Resort Group é o «maior promotor em Cabo Verde», 27 de novembro de 2017, disponível em: <https://www.diarioimobiliario.pt/Entrevistas/O-The-Resort-Group-e-o-maior-promotor-em-Cabo-Verde> (consulta 16/12/2018).

(...) a ênfase no emprego torna-se parte do discurso tipo-estadista dos editorialistas da mídia. Desnecessário ser dizer, os benefícios em lucros e rendas raramente são trazidos a público.²³

A ilha conta já com uma rede hoteleira, onde sobressaem os resorts *All Inclusive* Iberostar Club Boavista, na Praia de Chaves, perto do principal centro urbano da ilha, a Cidade de Sal-Rei; o Club hotel Riu Karamboa, na Praia de Boca Salina, e o Hotel Riu Touareg, na Praia de Lacacão. Mas a realidade está a mudar e se prevê um leque de novos investimentos.

O primeiro resort do The Resort Group na Boavista, que já está a ser construído, disporá de 835 propriedades de luxo, incluindo apartamentos duplex, penthouses e deslumbrantes villas privadas sob a praia; seis restaurantes temáticos, uma variedade de bares; Spa, um centro de fitness totalmente equipado e um centro de desportos aquáticos. Além de seis piscinas, bares aquáticos e restaurantes à beira da piscina; instalações para crianças, incluindo clube para crianças, playground, campos de ténis e de praia. Boa parte das 835 propriedades já está vendida.

O segundo resort do grupo será o Hilton Boavista Resort. A sua conclusão está prevista para setembro de 2019. Terá 400 requintados quartos na praia de Santa Mónica, desfrutando da mesma vista do White Sands Hotel & Spa, e será gerido por hoteleiros de renome internacional, o Hilton grupo.

Também a empresa China National Complete Plant Import&Export Corporation estabeleceu um contrato de obra para a construção de um estabelecimento hoteleiro de 1.150 quartos, na Urbanização de Lacacão, dentro da Zona de Desenvolvimento Turístico Integrado (ZDTI) de Santa Mónica. O Hotel será construído em duas fases, a primeira delas arrancou em abril de 2017 e tem uma duração estimada de 24 meses. O investimento total a realizar é estimado em 122 milhões de euros. O estabelecimento será gerido pela cadeia hoteleira espanhola Barceló Hotels & Resorts.

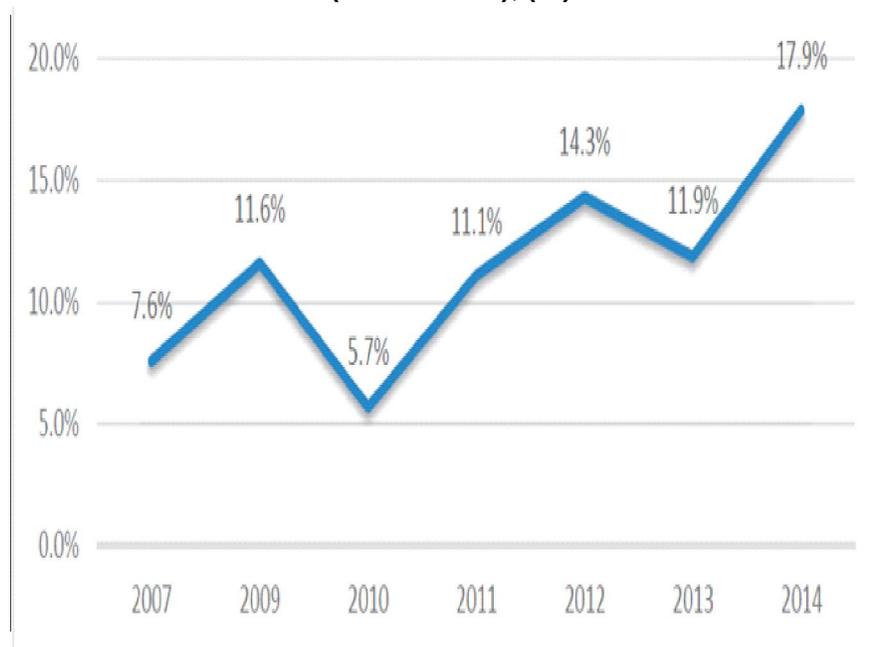
O CEO do The Resort Group fala de Cabo Verde com um entusiasmo como se àquela terra pertencesse, na mesma entrevista ao «Diário Imobiliário» mostrou-se encantado com as distinções e comendas que já recebeu das autoridades do país ao longo destes 10 anos de trabalho e muito orgulhoso do apoio que o grupo tem pres-

²³ Fernandes, Ana. «Da reestruturação corporativa à competição entre cidades: lições urbanas sobre os ajustes de interesses globais e locais no capitalismo contemporâneo», *Espaços & debates, Revista de estudos regionais e urbanos*, no.41, 2001, p. 37.

tado à melhoria dos cuidados de saúde e de formação da população. Afirmou que, embora empresário e investidor, não é só o dinheiro que o move. É a possibilidade de «concretizar coisas de raiz bem-feitas, proporcionar desenvolvimento e emprego ao país», e desfrutar da tranquilidade e da alegria de viver que Cabo Verde proporciona.

Contudo, dados relativos aos anos 2007 - 2014 nos mostram que a dinâmica turística tem agravado a taxa de desemprego na ilha de Boavista. Em 2007 a ilha apresentava uma incidência da pobreza de 8% e acolhia apenas 0,3% dos pobres do país. Mas o acelerado crescimento populacional dos últimos anos tem sido acompanhado pelo agravamento da taxa de desemprego, que em 2014 praticamente triplicou.²⁴

Gráfica 1
Evolução da taxa de desemprego na Boavista, Cabo Verde
(2007 – 2014), (%)



Fonte: Elaboração própria com base em Morais, 2016.²⁵

²⁴ Morais, Carlos. *Turismo e empreendedorismo social em Cabo Verde: Estudo exploratório sobre as condições e perspectivas de intervenções de organização do terceiro setor*, Dissertação de Mestrado, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2016.

²⁵ *Ibidem*.

3. Ilha da Boavista, o «boom» turístico para o qual não estava preparada

Uma década depois da inauguração do Aeroporto Internacional e das primeiras grandes Unidades Hoteleiras a dinâmica de crescimento turístico ainda não dá sinais de abrandamento, no segundo maior destino de visitantes do arquipélago Cabo-verdiano, a seguir à Ilha do Sal. Perspectiva-se que a capacidade hoteleira da ilha vá duplicar nos próximos anos. São 200 milhões de euros de investimentos e seis mil novos empregos. Um crescimento para o qual, as autoridades começam a admitir, a ilha não está preparada. Dois desses empreendimentos estão já em fase de construção e, ainda este ano, deverão arrancar mais dois, num investimento que ronda os 200 milhões de euros, irão duplicar a capacidade hoteleira nos próximos quatro anos e criar entre cinco a seis mil postos de trabalho.

Um crescimento que irá aumentar a pressão sobre uma ilha que, segundo o presidente da Câmara, José Luís Santos, tem um défice de 2.000 habitações, não tem uma rede de esgotos, sistema de tratamento de lixo ou respostas em matéria de saúde. A ilha abriga também um dos maiores bairros de barracas²⁶ do país, onde se concentram mais de dois terços dos habitantes e a maioria dos trabalhadores do sector turístico.

O turismo força a uma interação vasta entre pessoas e exige uma variedade de serviços, infraestruturas e investimentos que permitam gerar e aproveitar oportunidades. É necessário gerir o crescimento e as mudanças provocadas pelo turismo, de modo a garantir que o crescimento deste não afete os objetivos estabelecidos para o crescimento ao nível local e nacional.²⁷

O autarca Boavistense defendeu, por isso, em entrevista à agência ao Jornal Expresso das Ilhas, a necessidade de responsabilizar os promotores dos novos investimentos hoteleiros, impondo como condição para aprovação dos projetos a construção de casas para os trabalhadores: «Senão daqui a poucos anos vamos ter uma ilha completamente cheia de barracas», defendeu.²⁸

²⁶ Bairros de habitações informais, construídas com recurso a materiais precários e que vulgarmente são conhecidas por favelas no Brasil.

²⁷ Bernardo, Edgar. «Planeamento turístico e impactos percecionados na Ilha da Boa Vista, Cabo Verde», *Turismo em Análise*, vol. 26, no. 4, 2015, pp. 817-842.

²⁸ Lusa, Expresso da Ilhas. «Ilha da Boa Vista espera 'boom' turístico para o qual não está preparada», 31 mar 2018, disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2018/03/31/ilha-da-boavista-espera-boom-turistico-para-o-qual-nao-esta-preparada/57396> (consulta: 6/7/2018).

O que tem acontecido na Boavista não é desenvolvimento. A Boavista tem crescido. O desenvolvimento implica um investimento público que acompanhe minimamente o investimento privado e isso não tem acontecido e tem colocado grandes desafios à ilha.²⁹

Por seu lado, o presidente da Sociedade de Desenvolvimento Turístico das Ilhas da Boavista e Maio (SDTIBM) receia que uma medida desta natureza implique a perda de competitividade na atração de investimentos. Para Luís Silva, é às autoridades públicas que compete encontrar soluções para os problemas habitacionais, ainda que em parceria com os investidores privados. «Se colocarmos entraves os investidores vão para outro sítio. Temos de ter respostas de acordo com os investimentos, mas não podemos utilizar isso como uma condição porque senão podemos ficar sem investimento.»³⁰

Segundo Harvey³¹ a organização territorial do Estado transforma-se na configuração geográfica protagonista do processo do investimento. Em face disso, os Estados são levados a competirem-se uns com os outros, não só para arrecadarem grandes investimentos, mas também para o capital financeiro consolidar a sua dívida, fugindo por isso das suas mãos, a capacidade para controlar politicamente o capital, obrigando-os a assumir uma postura subserviente e competitiva. Luís Silva reconhece, contudo, que o modelo de desenvolvimento turístico adotado na ilha não tem tido o impacto desejado nas comunidades. «Há uma necessidade clara de qualificar e requalificar os destinos da Boavista e do Maio, para termos um desenvolvimento mais harmonioso e não a duas velocidades.»³²

Nesse sentido, Luís Silva adiantou que o trabalho da organização passará por um maior incentivo ao investimento em pequenas unidades hoteleiras, o que permitirá diversificar o destino turístico e a participação de empresas nacionais, sem capacidade para grandes investimentos. No mesmo sentido, José Luís Santos sustenta que a ilha não tem tirado o devido proveito do fluxo turístico. «Temos de investir a vários níveis para que esta ilha possa ser, de facto, a galinha dos ovos de ouro, um destino turístico de excelência. Não podemos continuar a vender a ilha da Boavista no estado atual.»³³

²⁹ Lusa, Expresso da Ilhas, *op. cit.*

³⁰ *Ibidem.*

³¹ Harvey, David. «A produção das configurações espaciais: as mobilidades do capital e trabalho», en: Harvey, David, *Os limites de capital*, São Paulo, Boitempo, 1980, pp. 373-406.

³² Lusa, Expresso da Ilhas, *op. cit.*

³³ A Semana 01/abril/2018 «Ilha da Boavista espera «boom» turístico para o qual não está preparada», disponível em: <https://www.asemana.publ.cv/?Ilha-da-Boavista-espera-boom-turistico-para-o-qual-nao-esta-preparada> (consulta: 6/8/2018).

Os dois responsáveis entendem que este é também o momento de Cabo Verde reduzir as isenções que concede aos promotores hoteleiros que investem no país, como recomendou recentemente o Fundo Monetário Internacional (FMI). «já é altura de pensarmos diferente. Primeiro, havia necessidade de pôr Cabo Verde no mapa do turismo, agora convém ajustar este processo e tirar maior proveito desse desenvolvimento turístico», disse o presidente da SDTIBM.³⁴

Por seu lado, José Luís Santos considerou normal o Governo ter feito algumas concessões iniciais para atrair investimentos, mas defendeu que deve diminuir paulatinamente esses incentivos para poder ter recursos e investir na qualificação do destino turístico. Em 2017, Boavista recebeu 28% dos mais de 700 mil turistas que visitaram Cabo Verde e concentrou 36% dos 4,5 milhões de dormidas. A ilha foi o destino de 31% dos portugueses que visitaram o país. A Boavista representa 27,6% da capacidade de alojamento turístico e concentra quase 22% dos cerca de 9.000 trabalhadores hoteleiros cabo-verdianos. A ilha tinha, em 2016, uma população de 15.534 habitantes e uma taxa de desemprego de 7,9%.³⁵

4. Bairro da Boa Esperança: o outro lado do modelo *all inclusive*

A recente política de atração de investimentos (sobretudo estrangeiros) no setor do turismo, e a construção de grandes empreendimentos turísticos na ilha, têm contribuído para a valorização e especulação fundiária, dificultando o acesso ao solo pelas famílias de baixa renda. Para Limonad³⁶, o que ocorre é a valorização desigual de partes da cidade, uma vez que ela não é mais pensada para o uso de seus habitantes, mas meramente para o consumo global.

O crescimento e expansão do Bairro da Boa Esperança, consubstancia-se como resultado desta valorização desigual do espaço, desempenhando o bairro o papel de «central de mão de obra» da ilha. Trabalhadores que passam longas jornadas mergulhados no «luxo dos resorts» para no fim do dia regressarem depois às suas barracas sem água, luz ou esgotos. A convivência urbanística

³⁴ Lusa, Expresso da Ilhas, *op. cit.*

³⁵ Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde, *op. cit.*

³⁶ Limonad, Ester. «Estranhos no paraíso (de Barcelona): impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona», *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, vol. X, no. 610, 2005.

³⁷ Arantes Fiori, Otilia Beatriz. «Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas», en: Arantes Fiori, Otilia; Carlos Vainer; Ermínia Maricato (eds.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2000, p. 70.

«Resorts/Barracas» parece resumir bem o que Arantes,³⁷ designa de uma realidade a duas velocidades.

Dizer (com a melhor boa vontade do mundo) que justamente a ambição estratégica dos novos Grandes Projetos Urbanos é promover a «articulação» entre vanguarda e retaguarda (por solidariedade ética? cívica?) é ignorar que na verdade estes dois pólos - desde sempre «articulados» - são, tanto quanto as tão decantadas novas contrahdades que pretendem estar induzindo, a expressão material e simbólica da concentração espacial de poder e riqueza exigida precisamente pelo comando das cadeias produtivas mudiais.³⁸

O bairro, que já foi da Barraca agora rebatizado de Boa Esperança, a escassos metros do centro de Sal Rei, Capital da Boavista, abriga entre nove e 10 mil pessoas, boa parte trabalhadores que fazem funcionar a máquina turística da ilha.

Imagem 2 Bairro da Boa Esperança



Fonte: Bruno da Moura, 2018.³⁹

³⁸ *Ibidem*, p. 70.

³⁹ Da Moura, Bruno. «Governo assegura que as obras de requalificação do bairro da Boa Esperança, na Boa Vista, arrancam em breve», *DTUDO1POUCO*, 1 de abril de 2018.

Às camareiras, cozinheiras, motoristas e guias juntam-se rabadantes⁴⁰, trabalhadores da construção civil, desempregados, jovens e crianças, um mundo de gente vinda das outras ilhas de Cabo Verde, sobretudo dos municípios mais pobres da Ilha de Santiago, e de imigrantes provenientes dos países vizinhos da costa ocidental africana que fazem parte da CEDEAO.⁴¹ Gente que há mais de 20 anos vem chegando, todos os dias, ao ritmo da demanda de mão de obra.

A salvaguarda dos interesses da localidade que acolhe os investimentos nem sempre é garantida, pois para ser «competitiva», esta concede um conjunto de incentivos que atraem o capital (desde fiscais, infraestruturas sociais, adequação da mão de obra local aos interesses dos investidores), mas que por outro lado podem prejudicá-la, pois o confronto entre os custos e benefícios, nem sempre é a seu favor.⁴² A nova política do lugar focada na «competitividade» da localidade para atrair investimentos externos, passa a ser portanto, um fator objetivo no processo de reestruturação da acumulação a escala global, o que torna a localidade, por sua vez, refém do sistema global de acumulação.⁴³

Pedro Alexandrino, «Frank», 30 anos, natural da Calheta de São Miguel, interior de Santiago, motorista de turismo, abriu as portas da sua casa no Bairro da Boa Esperança, para uma reportagem do Jornal Expresso das Ilhas, onde vive há quatro anos com a namorada, Carla Mendes, «Carlene», 21 anos, ajudante de cozinha num dos resorts da ilha.⁴⁴

São escassos metros de habitação, numa mistura de blocos, cimento e chapa, a meio de uma das labirínticas ruas do bairro, onde à falta de água e saneamento se junta um emaranhado de fios elétricos

⁴⁰ Vendedores(as) ambulantes (atravessadores ou intermediários) que fazem o comércio informal de produtos frescos entre as ilhas agrícolas e as ilhas turísticas.

⁴¹ Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, CEDEAO (ECOWAS na sigla inglesa). Foi criada em maio de 1975 pelo Tratado de Lagos, é constituída por 15 países, nomeadamente, Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Côte d'Ivoire, Gâmbia, Gana, Guiné-Konacri, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Serra Leoa, Senegale o Togo. O objetivo da CEDEAO é estabelecer uma região sem fronteiras e integrada, onde a população goza da livre circulação e tem acesso a sistemas educativos e de saúde de cada estado membro. Economic Community of West African States (ECOWAS), available in: <http://www.ecowas.int> (consulta: 19/12/2018).

⁴² Fernandes, A., *op. cit.*; Ferreira, I., *op. cit.*

⁴³ Fernandes, A., *op. cit.*, p. 34.

⁴⁴ Lusa, Reportagem: Trabalhadores «de luxo» vivem em barracas sem luz, água e esgotos na Boavista. Diário Notícias, 30 Março 2018, disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/reportagem-trabalhadores-de-luxo-vivem-em-barracas-sem-luz-agua-ou-esgotos-na-boavista-9224306.htm> | (consulta: 03/11/2018).

descarnados ao alcance das muitas crianças que por ali brincam. Para Frank, a precariedade das instalações elétricas é um perigo permanente e representa o maior receio dos habitantes do bairro, que têm ainda bem presente na memória o grande incêndio de 2002. «Na época das chuvas é muito perigoso [...] é uma ameaça para a sociedade. Morar aqui é um pesadelo. Ficamos todos dentro de água, na rua ou dentro de casa.»⁴⁵

O bairro de Boa Esperança localiza-se numa área considerada de risco, em plena salina, e por isso, classificada no PDM da Boavista como Reserva Natural. Trata-se de uma zona de cotas abaixo do nível do mar, o que facilita a intrusão marinha e inundações em períodos de precipitação, pondo em causa a segurança e a saúde pública das pessoas e dos seus bens.

Com a namorada grávida do primeiro filho, «Frank» sonha com o dia em que poderá viver em melhores condições, mas os salários não chegam para arrendar uma casa na vila, onde os preços das habitações são dos mais caros do país. Afastado do trabalho por motivos de saúde, quando trabalha «Frank» ganha cerca de 30 contos.»Dá para desenrascar, mas o vencimento é muito pouco e não dá para pagar uma casa na vila, que custa no mínimo 25 contos. Por isso, tenho de morar neste bairro», adianta.⁴⁶

Carlene, que chegou de Santa Cruz, Município da ilha de Santiago, há pouco mais de um ano, conseguiu trabalho como ajudante de cozinha num dos «resorts» da ilha. Ganha perto de 25 mil escudos⁴⁷ por um turno de oito horas, mas a distância do local de trabalho obriga-a a sair de casa com uma hora e meia de antecedência e a regressar mais de duas horas depois do fim do turno.»A vida é muito complicada» assegura Carlene, que regressa a casa sempre depois da meia noite, altura em que o gerador de energia da comunidade já deixou de funcionar e o bairro fica mergulhado em escuridão.

O jovem casal garante que têm apenas o suficiente para viver e, com um bebé a caminho, a situação deverá complicar-se. Por isso, levantam os olhos para os prédios coloridos do programa Casa para Todos, paredes meias com o bairro, onde o Governo e autarquia preveem realojar parte dos habitantes.» Frank «inscreveu-se no cadastro social para o realojamento, mas a lentidão do processo deixou-o desesperado». Esperamos todos os dias. É algo que desejamos mesmo. Toda a gente está ansiosa para que chegue esse dia. Infeliz-

⁴⁵ *Ibidem.*

⁴⁶ *Ibidem.*

⁴⁷ Equivalente a 226 euros.

mente não vai dar para toda a gente que mora aqui, mas temos de ver onde está a nossa sorte.»⁴⁸

Do outro lado do bairro, a parte que vai ser reabilitada, onde não há barracas, mas casas clandestinas vive Isabel Mendes Sanches, «Já», 65 anos, natural de Pedra Badejo Município de Santa Cruz, ilha de Santiago. Peixeira de profissão chegou há 22 anos nas primeiras levadas de trabalhadores, depois de se ter cansado de esperar que chovesse em Santa Cruz.» Vim para a Boavista porque não chovia em Santa Cruz, não havia trabalho, tinha filhos para sustentar», contou à agência Lusa, em frente à sua casa de dois andares, quase pronta, que conseguiu construir no bairro. Hoje com os 10 filhos espalhados por vários cantos de Cabo Verde e alguns no estrangeiro, «Já» passa a maior parte do tempo em casa, enquanto o marido procura alguns «biscates» como pedreiro.» Tenho 22 anos na Boavista. Não me lembro quanto tempo na Barraca, mas já estou aqui há muito tempo. Fui um dos primeiros moradores do bairro», disse.

Lembra-se da chegada dos primeiros imigrantes da Guiné-Bissau, do incêndio de 2002, que matou dois jovens e deixou «muita gente sem nada», e dos tempos em que a Barraca «era um bom bairro», começou a aparecer violência, roubos, guerras com facas, pistolas, pedras. Problemas agravados pela falta de iluminação pública o que se juntam a falta de arruamentos, de redes de água, esgotos e de tratamento de lixo, lacunas que quando chove tornam a circulação no bairro quase impossível. Problemas que «Já» conhece bem, mas que não lhe tiram a esperança num futuro melhor para o bairro.

Estes depoimentos, de pessoas que vivem diariamente os efeitos dos processos de segmentação socio-espacial que grandes investimentos turísticos carregam, nos levam a entender melhor os questionamentos de Brandão⁴⁹, relativamente às desiguais condições de apropriação nos territórios de turismo, para a totalidade dos agentes que os constituem ou se os ditos «territórios de todos» são, no fim das contas, apenas uma esperança ou utopia, nas atuais conjunturas, nas quais interesses exógenos são favorecidos, em detrimento das aspirações e anseios localmente criados.

⁴⁸ Lusa Expresso das Ilhas. *Boa Vista: servir no luxo, viver no lixo*, 30 mar 2018, disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2018/03/30/boa-vista-servir-no-luxo-viver-no-lixo/57387> (consulta: 18/12/2018).

⁴⁹ Brandão, Paulo. *Territórios do turismo, territórios de todos? um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do nordeste do Brasil*, Tese de doutoramento, Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 2013.

Recentemente, o Governo cabo-verdiano aprovou em Conselho de Ministros uma verba de 352 mil milhões de escudos⁵⁰ para avançar com a infraestruturização de uma zona ao lado do bairro que será posteriormente loteada para permitir o realojamento de parte dos habitantes. Parte da verba será igualmente usada na requalificação da parte do bairro que não será demolida.

Um outro conjunto de habitantes será realojado no empreendimento «Casa para Todos», do qual 300 habitações foram já transferidas pelo Governo para a câmara da Boavista, mas que, segundo afirmou numa entrevista à agência Lusa o seu presidente, José Luís Santos, não será suficiente. Por isso, o autarca disse ter já proposto ao Governo receber todas as 784 habitações do empreendimento.

As autoridades fizeram um levantamento para saber quantas famílias habitam as barracas do bairro da Boa Esperança, mas José Luís Santos escusa-se a avançar os dados dos realojamentos necessários, adiantando que o número está sempre a crescer. «É um número considerável. A Boavista tem um défice habitacional de mais de dois mil fogos.»⁵¹

Os concursos para a expansão e requalificação do bairro, também conhecido como Chã de Salinas, foram já concluídos, mas fonte do então Ministério das Infraestruturas, Ordenamento do Território e Habitação disse à agência Lusa que foram contestados junto da Autoridade Reguladora das Aquisições Públicas (ARAP), decorrendo o período de esclarecimentos. O governo assegura, no entanto, que as obras arrancarão em breve. Além das obras no bairro, estão igualmente projetadas para a ilha obras de saneamento e de requalificação de algumas estradas.

5. Boavista sai à rua em massa para reivindicar seus direitos

A 26 de maio de 2018 a população da Boavista saiu às ruas em massa para reivindicar os seus direitos. A manifestação foi organizada por um grupo de jovens da sociedade civil de diferentes sectores de atividade da ilha e contou com a adesão de milhares de boavistenses e inclusive de alguns que residem na ilha do Sal e que se manifestaram de forma «solidária» em Espargos.

⁵⁰ Cerca de 3 milhões de Euros.

⁵¹ Lusa Expresso das Ilhas, *op. cit.*

Conforme avançou ao jornal Anacão um dos representante SOS Bubista, o movimento é constituído por um grupo independente da sociedade civil que não tem quaisquer ligações, nem pretensões político-partidárias. O movimento apenas quer reivindicar para a Boavista os seus direitos porque está descontente com a situação económico-social que se vive na Boavista e que já se vem arrastando há muito.

Queremos mais e melhor saúde para a ilha, mais educação, porque a educação é péssima. Nomeadamente queremos a construção de uma escola secundária de raiz. Mas também queremos mais transporte e habitação que é um grande problema. Inclusive temos aqui as casas ditas para todos, que já estão prontas há dois anos e estão fechadas.⁵²

O grupo lamenta ainda que os benefícios do Fundo do Turismo nunca tenham chegado à ilha» quando a Boavista contribui com cerca de 25% para a riqueza do país. Mas, além disso, um dos problemas que se transformou na «gota d'água», foi a questão das condições de evacuações na ilha.

Nesses últimos dias tem vindo a acontecer evacuações de doentes para a ilha do Sal em pequenas embarcações de boca aberta, sem mínimas condições. A Companhia Binter não transporta doentes, mas em relação a isso, não sabemos porquê que companhia nega o transporte de doentes. Vamos tentar falar com o representante da Binter para saber o porquê dessa situação.⁵³

Devidamente trajados de negro, todos com *tshirts* iguais, e com cartazes com vários apelos, a população juntou-se assim para «lutar» por melhores condições de vida, no geral, e também por mais «segurança».

Considerações finais

Da euforia inicial face ao anuncio dos primeiros grandes investimentos turísticos à constatação de que a aposta no modelo *all inclusive* é propiciadora de um desenvolvimento desigual, excludente e discriminatório. A Ilha da Boavista vê-se hoje perante o dilema de ter que decidir entre continuar a ser receptora de mais projetos de

⁵² *A Nação Jornal Independente*. «Boa Vista sai à rua em massa para reivindicar seus direitos», disponível em: <https://anacao.cv/boa-vista-sai-rua-massa-reivindicar-seus-direitos/> (consulta: 20/12/2018).

⁵³ *A Nação Jornal Independente*, op. cit.

expansão do capital estrangeiro ou se provoca um redirecionamento reequilibrando as suas fontes de geração de rendimento com base num turismo menos impactante e mais inclusivo.

Os atuais indicadores de desenvolvimento da ilha, não deixam de ser preocupantes quando analisados do ponto de vista social e ambiental na medida em que os impactos negativos do turismo terão uma intensidade ainda maior se as atividades turísticas não forem estritamente controladas.

Num momento em que a nível internacional intensificam-se as ações de movimentos da sociedade civil, e que nas academias emergem trabalhos alternativos que refletem a luta por reconhecimento e justiça de grupos em situações de vulnerabilidade face aos avanços do modelo capitalista. O domínio do económico sobre o ambiental, ou do valor económico imediato sobre o princípio de sustentabilidade e dos direitos humanos leva-nos a pensar que se o turismo não for bem planeado, as consequências futuras serão muito nefastas.

Assim, para o desenvolvimento de um turismo com sustentabilidade há que defender-se medidas que sejam duráveis e economicamente viáveis no longo prazo e que respeitem o meio, nomeadamente em termos de capacidade de carga dos espaços naturais e culturais; medidas que estejam devidamente integradas com a totalidade do território e que permitam a efetiva participação das populações locais.

Referências

- A Semana 01/abril/2018 «Ilha da Boavista espera «boom» turístico para o qual não está preparada», disponível em: <https://www.asemana.publ.cv/?Ilha-da-Boavista-espera-boom-turistico-para-o-qual-nao-esta-preparada> (consulta: 6/8/2018).
- Arantes Fiori, Otilia Beatriz. «Uma estratégia fatal. A cultura nas novas gestões urbanas», en: Arantes Fiori, Otilia; Carlos Vainer; Ermínia Maricato (eds.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2000, pp. 11- 74.
- Barros, José. *Impacte do turismo no desenvolvimento socioeconómico: o caso da ilha do Sal*, Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Aveiro, Universidade de Aveiro . 2007.
- Bernardo, Edgar. «Planeamento turístico e impactos percecionados na Ilha da Boa Vista, Cabo Verde», *Turismo em Análise*, vol. 26, no. 4, 2015, pp. 817-842.

Brandão, Paulo. *Territórios do turismo, territórios de todos? um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do nordeste do Brasil*, Tese de doutoramento, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2013

Da Moura, Bruno. «Governo assegura que as obras de requalificação do bairro da Boa Esperança, na Boa Vista, arrancam em breve», *DTUDO1POUCO*, 1 de abril de 2018, disponível em: <https://dtudo1pouco.com/governo-assegura-que-as-obras-de-requalificacao-do-bairro-da-boia-esperanca-na-boia-vista-arrancam-em-breve/>(consulta: 16/12/2018).

Diário Imobiliário construímos notícia.»O The Resort Group é o «maior promotor em Cabo Verde», 27 de novembro de 2017, disponível em: <https://www.diarioimobiliario.pt/Entrevistas/O-The-Resort-Group-e-o-maior-promotor-em-Cabo-Verde> (consulta: 16/12/2018).

Cammarata, Emilce. «El turismo como práctica social y su papel en la apropiación y consolidación del territorio», em: Lemos, Amalia; Monica Arroyo y María Silveira . *América Latina: cidade, campo e turismo*, San Pablo, CLACSO, 2006, pp. 351-366.

Economic Community of West African States (ECOWAS), disponível em: <http://www.ecowas.int> (consulta: 19/12/2018).

Fernandes, Ana. «Da reestruturação corporativa à competição entre cidades: licções urbanas sobre os ajustes de interesses globais e locais no capitalismo contemporâneo», *Espaços & debates, Revista de estudos regionais e urbanos*, no. 41, 2001, pp. 26-41.

Ferreira, Eduardo. *O Turismo no contexto de uma pequena economia insular: o caso de Cabo Verde*, Tese de doutoramento em economia, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. 2006.

Ferreira, Ivete. *Grande projeto urbano num pequeno país insular: projeto chinê «Cape Verde integrated resort and casino»*, Tese de Doutoramento, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

Frederico, Sílvia. «Riu Karamboa abre-se aos turistas», *Cifrao Jornal de Economia*, 31 de Outubro de 2008, disponível em: <https://asemana.publ.cv/PDF/Cifrao-864.pdf> (consulta: 6/8/2018).

Governo de Cabo Verde, Aeroporto Internacional da Boavista inaugurado: um sonho há muito acalentado pelos boa-vistenses, disponível em: <https://www.governo.cv/aeroporto-internacional-da-boavista-inaugurado-um-sonho-ha-muito-acalentado-pelos-boavistenses/> (consulta: 5/8/2018).

- Harvey, David. «A produção das configurações espaciais: as mobilidades do capital e trabalho», en: Harvey, David. *Os limites de capital*, São Paulo, Boitempo, 1980, pp. 373-406.
- Harvey, David. «A geografia disso tudo», en: Harvey David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*, São Paulo, Boitempo, 2011, pp. 117-150.
- Hotel Riu Karamboa, disponível em: <https://www.riu.com/pt/hotel/cabo-verde/boa-vista/clubhotel-riu-karamboa/> (consulta 21/12/2018).
- Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde. *Movimentação de Hospedes*, disponível em: <http://ine.cv/movimentacao-de-hospedes/> (consulta: 20/12/2018).
- Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde. *População e Censo*, disponível em: <http://ine.cv/populacao-e-censo/> (consulta: 20/12/2018).
- Limonad, Ester. «Estranhos no paraíso (de Barcelona): impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona», *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, vol. X, no. 610, 2005.
- Lusa Expressso da Ilhas. «Boa Vista: servir no luxo, viver no lixo», 30 mar 2018, disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2018/03/30/boa-vista-servir-no-luxo-viver-no-lixo/57387> (consulta: 18/12/2018).
- Lusa Expressso da Ilhas. «Ilha da Boa Vista espera 'boom' turístico para o qual não está preparada», 31 mar 2018, disponível em: <https://expressodasilhas.cv/pais/2018/03/31/ilha-da-boavista-espera-boom-turistico-para-o-qual-nao-esta-preparada/57396> (consulta: 6/7/2018).
- Luz, Nélide y Ferreira, Vladimir. «Turismo e conservação ambiental em Cabo Verde: números, políticas, programas e ações na ilha da Boavista», *Sensos*, vol. 5, no. 2, 2015, pp. 108-125.
- Morais, Carlos. *Turismo e empreendedorismo social em Cabo Verde: Estudo exploratório sobre as condições e perspectivas de intervenções de organização do terceiro setor*, Dissertação de Mestrado, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2016.
- A Nação Jornal Independente. «Boa Vista sai à rua em massa para reivindicar seus direitos», disponível em: <https://anacao.cv/boa-vista-sai-rua-massa-reivindicar-seus-direitos/> (consulta: 20/12/2018).